

CBPF-CS-008/86

PERNAMBUCO, CIÊNCIA E CULTURA - RECORDAÇÕES*

por

J. Q. Leite-Lopes

Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas - CBPF/CNPq
Rua Dr. Xavier Sigaud, 150
22290 - Rio de Janeiro, RJ - Brasil

Centre de Recherches Nucléaires
Université de Strasbourg I
Strasbourg, France

*Discurso proferido ao receber o diploma de Honoris Causa pela UFPE.

Como receber sem emoção esta honra que me concede a Universidade Federal de Pernambuco? Como agradecer a Ricardo de Carvalho Ferreira, pioneiro da Química Quântica em nosso país, aos meus jovens e já brilhantes colegas do Departamento de Física desta Universidade, aos professores que dela estão a fazer uma das de mais elevada qualidade do Brasil, aos pesquisadores em incessante trabalho de busca e que a esta Universidade deram reputação internacional?

Pois aqui no Recife, nasci, cresci, bebi as primeiras águas de saber, recebi as influências fundamentais, aquelas que marcam para sempre a vida e o ser de uma pessoa e que não se apagam jamais.

Este Recife heróico e glorioso, cantado pelos nossos maiores poetas, por Augusto dos Anjos e Manoel Bandeira, por Joaquim Cardozo e João Cabral de Mello Neto. O Recife das ruas de nomes mágicos e suaves, dos antigos cajueiros em flôr, o Recife dos combatentes pela independência e pela soberania nacional, marca que está associada visceralmente à gente desta terra e que sobressai mais do que sempre nesta hora da vida nacional e da difícil conjuntura internacional .

Aqui cresci no ambiente privilegiado e afetuoso da minha família e dei os primeiros passos nos estudos no Colégio São Luís, o Colégio Marista da Ponte D'Uchôa, e no Colégio Marista da cidade, de Conde da Boa Vista, onde sábios mestres de química e física, de história antiga, do latim e das línguas estrangeiras modernas, de gramática histórica, me deram os instrumentos indispensáveis à minha formação ulterior. Acompanhado do meu irmão Abelardo, ali tive como colegas Antonio Carolino Gonçalves da Silva, Rodolfo Araújo, João Cabral de Mello Netto.

Armado com o entusiasmo que me deram as aulas de química do Irmão Pacômio, com os conhecimentos da nossa língua que me transmitiu Arlindo Lima, dirigi-me à Escola de Engenharia de Pernambuco para lá fazer o Curso de Química Industrial. Conhecido era o rigor da Escola da rua do Hospício, por isso, em 1935, ingressei, como era tradicional, no curso de preparação ao exame vestibular,

recebendo lições de física, química e de matemática, de Mario Gesteira e de Newton Maia, duas admiráveis figuras da Escola de Engenharia. De Mario recebia as notas que ele próprio datilografava, do curso sobre mecânica e eletromagnetismo, teoria cinética dos gases, teoria atômica e recebia livros de presente, como os Fondamenti della Meccanica Atomica, de Enrico Persico. Graças a Mario Gesteira, conheci o ambiente de entusiasmo intelectual da casa de Luis Siqueira Neto. Com Newton Maia, que nos transmitia as bases da matemática, da álgebra superior, os fundamentos da Geometria de Euclides e da trigonometria, com tanta clareza, simplicidade e elegancia, tive o meu primeiro choque de experiência política. Pois em plena aula, na presença de seus alunos, recebeu a visita - a intimação - de um agente da Polícia Política para levá-lo preso: era 1935, o ano do levante militar comandado por Luis Carlos Prestes, e as pessoas que integraram a frente ampla da época, a Aliança Nacional Libertadora, eram automaticamente marcadas como subversivas, mesmo se divergissem de princípios e dogmas de outras personalidades da Aliança. 1935 foi também o ano do meu serviço militar no Tiro de Guerra 333 com os meus irmãos Arlindo e Abelardo e um dos três sargentos que nos instruíam era Gregório Bezerra, querido por todos por seu espírito, com sua voz alegre de tenor e que bem nos poderia ter enganado e levado - e não o fez, e suas inclinações políticas não nos comunicou - a participar do levante do qual foi um dos líderes e pelo qual pagou sob inumeráveis torturas e penas. E pela Aliança sofreram Newton Maia, Mario Gesteira, Oswaldo Gonçalves de Lima: não são de hoje nem de ontem a prepotência e o obscurantismo dos que pretendem ser os messianicos salvadores da pátria.

No primeiro ano do Curso, recebi os primeiros ensinamentos de Cálculo Diferencial e Integral, de Newton Maia e para mim foram uma revelação as aulas magistrais de Física de Luiz Freire. No segundo ano, foi profunda a influência que recebi de Oswaldo Gonçalves de Lima, professor de Química Analítica e Tecnologia das Fermentações. Ao laboratório de Oswaldo, que mantinha com Anibal Matos, e depois ao seu laboratório da rua Imperial, ia sempre, após as aulas, para acompanhá-lo em seus trabalhos, conversar, ouvir, aprender. É seguramente Oswaldo Gonçalves de Lima,

um dos maiores pesquisadores do Brasil, de todos os tempos com inúmeras contribuições originais à química e à tecnologia, à ciência dos antibióticos, à bioquímica e à bioetnologia; eram Luiz Freire, Newton Maia, João Holmes Sobrinho, sem sobra de dúvida, dos melhores professores de suas especialidades em Escolas de Engenharia do Brasil àquela época - e incluo nesta relação as famosas Escolas Politécnicas do Rio de Janeiro e de São Paulo.

À casa de Luiz Freire, ia aos domingos, à rua Amélia 621, para conhecer livros de sua biblioteca - sem biblioteca particular não se podia estudar - para ouvir seus comentários e sã bias digressões sobre questões e homens de ciência. De Luiz Freire, ouvi suas impressões sobre o gênio do nosso Mario Schenberg, certamente a figura central da física brasileira nos últimos cinquenta anos: nos anos 40, junto com Georges Gamow, publicou Schenberg sua teoria do colapso das estrelas devido à emissão de neutrinos, trabalho importante na Astrofísica. Por Luiz Freire, soube das figuras dos grandes matemáticos brasileiros, Joaquim Gomes de Souza, Otto de Alencar, Teodoro Ramos, Lelio Gama - com quem convivi mais tarde no Conselho Nacional de Pesquisas. Falava-me Luiz Freire dos fisiologistas brasileiros Miguel e Alvaro Ozorio de Almeida - trabalhos de Miguel Ozorio sobre a excitação elétrica dos nervos e dos músculos receberam tratamento físico-matemático por parte de Luiz Freire em nota que publicou nos Anais da Academia Brasileira de Ciências. A esta Academia - da qual era membro titular Luiz Freire - como o são Oswaldo Gonçalves de Lima, e Ricardo Ferreira e como o são jovens e talentosos físicos desta Casa, à Academia ia Luiz Freire cada ano, nas férias de julho e de lá trazia as novidades sobre a mecânica quântica e os raios cósmicos, em seus contactos com Mario Schenberg, Gleb Wataghin, Giuseppe Occhialini, Marcello Damy de Souza Santos. Por Luiz Freire aprendi a importância da teoria dos conjuntos, a polêmica sobre os numeros transfinitos, como preciosos eram também seus comentários sobre as origens e a consolidação da mecânica quântica.

Com Oswaldo Gonçalves de Lima, aprendi os princípios da físico-química, a cinética das reações químicas e sua descrição pela teoria atômica. Por ele tive conhecimento de livros de físicos e químicos alemães e a língua alemã me fez aprender, em 1938, quando me levou ao professor Naegeli.

Ao laboratório de Oswaldo compareciam sempre Paulo José Duarte, Arnóbio Marques da Gama, Gilvan de Carvalho e o biólogo e poeta João Ramos Pereira da Costa. Na Escola de Engenharia tinha, além disso o privilégio do convívio de grandes talentos da Engenharia brasileira - de Pelópidas Silveira e Antonio Baltar, de Maurício e Murilo Coutinho, de Antonio Mario Mafra, como do químico e humanista José Cesio Requeira da Costa. Recordo Alberto Moreira, Antonio Vitor, o velho químico alemão Justus Liebig, professor de Tecnologia Industrial.

Um dia ao deixar um livro sobre a integral de Lebesgue, que devolvia a Luiz Freire, aos cuidados do Chefe da Portaria, Severiano de Freitas (e me lembro bem de seus auxiliares Mendonça e de Luis), conheci Joaquim Cardozo, o matemático, o calculista brilhante dos projetos de Oscar Niemeyer e a quem recordava, em Paris, ao ver quadros de Modigliani - Cardozo era fisicamente um retrato de Modigliani. Tive a sorte de adquirir seu livro de poemas, de 1947, onde se descobre o grande poeta, o cantor da Província e do Espírito, nas palavras de Carlos Drummond de Andrade, que prefaciou o livro:

"Divisando por trás da Província sua realidade humana, suas particularidades históricas, sua economia e seu pathos, Joaquim Cardozo consegue oferecer-nos panoramas ao mesmo tempo preciosos e abstratos, visões de alto poder plástico e não obstante puras visões, criação do poeta por meio de palavras".

Evoco a figura brilhante de João Holmes Sobrinho, o grande mestre da mecânica. Por Luiz Freire, conheci Anibal Fernandes, o humanista Diretor do Diário de Pernambuco, professor no Ginásio Pernambucano e por ele conheci o grande Gilberto Freyre, assim como Sylvio Rabello, Olivio Montenegro. Era pois de alta qualidade

o ambiente intelectual do Recife no qual vivi. E aqui volto agora para rever o espírito renovado e dinâmico desta cidade, para reencontrar os seus grandes valores na ciência, na tecnologia, na cultura e que fazem de instituições como a Universidade Federal de Pernambuco das mais pujantes do Continente.

Voltei, pois, para este encontro, para esta hora de alegria, para esta generosidade com que me agracia a Universidade e que me envaidece. Vim igualmente para evocar e captar vozes que aparentemente se perderam no espaço e no tempo mas que são eternas, transmitidas de geração em geração, nas novas personalidades que formam e inspiram. Com Rainer Maria Rilke, ao recordá-las, sentimos a nostalgia de querer morar sobre as ondas e de jamais buscar asilo no tempo - um desejo de diálogo, a voz baixa, da hora quotidiana com a eternidade. E segundo Joaquim Cardoso

*"Falam baixo na pedra as vezes da alma antiga.
Gritos de som sobre a cidade,
Gritos de metal
Que o silêncio da treva condensa em harmonia
As horas caem dos relógios do Diário,
da Faculdade de Direito e do Convento de São Francisco:
Duas, três, quatro ... a alvorada se anuncia".*

Uma alvorada que neste ano de 1986 deverá amadurecer - assim confiamos - nos dias de liberdade e de trabalho permanente para o avanço do nosso povo.

Vivemos os primeiros instantes confusos que se seguem ao fim de uma ditadura, em que muitos confundem o sistema democrático com democratismo popularesco, que continuaria a acobertar a ascensão política de oportunistas e incompetentes. Necessitamos de amadurecimento político como é vital para este país a formação em número crescente de homens de boa educação e excelente cultura, capazes de renovar seus conhecimentos, e de buscar novas idéias. Sem criação de conhecimento novo, sem pesquisa científica, permanente, adequadamente apoiada e protegida, definham as universidades.

Vivemos também a era nuclear, consequência do sistema de in-

dustrialização que, a partir do século XVII, se espalhou pelo mundo e é hoje - quer disto gostemos ou não - uma rede global, planetária. Se prosseguirmos com a instalação de laboratórios e usinas nucleares - e o problema é internacional, não seria eu favorável a que o Brasil fosse o único país a abandonar esta forma de energia - será indispensável, *sine qua non*, que as autoridades competentes tenham credibilidade em seus programas de proteção às populações, de segurança máxima e rigorosa contra acidentes - e esta segurança deve estender-se às demais indústrias, às usinas de cimento, às refinarias de petróleo, aos poluentes dos veículos, aos depósitos de combustível, combatendo todas as formas de poluição - em Cubatão morreram apenas os pobres.

Vivemos também no Brasil uma fase em que se abrem novas esperanças para o desenvolvimento científico e tecnológico com a elevação do "status" político da ciência institucionalizada no novo Ministério da Ciência e Tecnologia - um sonho pelo qual muitos de nós combateram há mais de vinte anos, Renato Archer e San Tiago Dantas, Haity Moussatché, Walter Oswaldo Cruz, Maurício Rocha e Silva.

Nesta nova fase, como não poderia deixar de ser, aparecem os novos valores da investigação científica brasileira, carregando a chama do ideal, lutando pelo engrandecimento do Brasil e pela libertação de seu povo.

Nesse trabalho, são peças fundamentais as Universidades como a Universidade Federal de Pernambuco, que se renovam sempre, impulsionando e apoiando o trabalho dos seus professores em estado de permanente busca do saber novo em todos os ramos da ciência e da cultura. Por este motivo rendo aqui e agora, Magnífico Reitor, a minha modesta homenagem a esta Universidade.